

APRESENTAÇÃO

Como já ocorreu em edições anteriores, o presente número está totalmente centralizado na aceitação de submissões em caráter de fluxo contínuo, o que implica uma maior liberdade de temas e perspectivas de abordagem crítica. Isto reforça também o perfil cada vez mais internacional de nossa revista. De fato, neste número podemos contar com a contribuição de pesquisadores russos, coreanos, mexicanos, chilenos, argentinos e portugueses, de várias universidades mundo afora, da Rússia à China, sem contar as instituições latino-americanas. O uso do inglês ou do espanhol na redação destes artigos escritos pelos pesquisadores estrangeiros facilita indubitavelmente a difusão da nossa revista, aumentando ao mesmo tempo o número de acessos e consultas dos trabalhos, quase sempre resultados de extensas pesquisas no âmbito de doutorados ou pós-doutorados.

Desse modo, nossos leitores poderão desfrutar da leitura crítica de autores consagrados como Gregório de Matos ou Thomas Mann, mas também de uma visão particular do conceito de feminilidade na literatura russa ou da presença do mito em *Mastorava*, de A. Sharonova, escrito em língua érzya, da região russa de Mordóvia.

Como pode ser verificado facilmente, portanto, trata-se de um leque de temas, autores e literaturas muito amplo. Na nossa opinião, longe de constituir um defeito, a grande diversificação vai ao encontro do que atualmente costuma-se classificar de “publicação internacional”. A ausência de um dossiê, longe de ser um fator limitativo, constitui no nosso caso uma ocasião para a divulgação de ensaios densos sobre escritores de vários países, de vários períodos e tendências, sem limitações inclusive no quesito relacionado ao gênero, pois os ensaios analisam tanto obras de poesia como livros de contos ou romances.

Os leitores poderão constatar sem muita dificuldade que a literatura do século XX mereceu, mais uma vez, destaque especial, mas isto não impede a existência de artigos sobre o iluminismo francês ou sobre o barroco brasileiro. Do mesmo modo, embora a nossa revista priorize os trabalhos dedicados à crítica literária, não nos parece incoerente a presença de ensaios mais teóricos e com amplitude de argumentos que privilegiam a perspectiva filosófica ou historicista. Acreditamos, enfim, que a delimitação entre os trabalhos é sempre muito tênue, sendo bastante saudável a contribuição de áreas afins, desde que a literatura seja uma referência constante, direta ou indireta.

No primeiro artigo, contamos com mais uma contribuição crítica de Álvaro Cardoso Gomes, que analisa a obra do escritor catarinense Péricles Prade, particularmente o livro de contos *Correspondências*. Cardoso Gomes procura ressaltar o constante diálogo do autor com outros textos, característica marcante que o leva a criar uma obra cheia de referências intertextuais, que vão de Schneeberger a Kircher. Na opinião do articulista, as referências principais de Péricles Prade são as obras dedicadas à magia, pertencentes ao acervo pessoal do autor.

Cardoso Gomes associa, ainda, a figura do escritor catarinense à do “curioso” presente em “As flores do mal” de Baudelaire. No entanto, enquanto o poeta francês se referia ao intelectual moderno que, insaciável, busca aspectos múltiplos e variados da realidade, o universo de Péricles Prade se insere na diversidade de textos de referência, constituindo uma espécie de curiosidade “infantil”, coletando e colecionando imagens que lhe proporcionam uma visão inédita do mundo.

Concluindo, o ensaísta observa também que além de simplesmente “coletar” referências a outros textos, Péricles Prade utiliza também a paráfrase e a paródia, além de constantes analogias que lhe permitem a discussão de temas atualíssimos, como, por exemplo, no conto “Correspondências”, em que se debate a velha questão do conflito entre as ciências humanas e as ciências exatas” e a visão do especialista moderno como um intelectual “mutilado”, à medida que não mais consegue abarcar e integrar todo o conhecimento humano, a exemplo do ideal renascentista, tendo como modelo Leonardo da Vinci.

No segundo trabalho, Claudia Macias, da Universidade de Seul, Coreia, analisa a influência de Felisberto Hernandez, escritor uruguaio, na obra de Julio Cortázar. Em denso ensaio, a partir de observações que remetem ao por vezes conturbado relacionamento cultural e político entre Cortázar e Borges, talvez os dois maiores escritores da literatura argentina do século XX, a articulista procura demonstrar a grande semelhança entre certos contos de Hernandez e os de Cortázar, embora o escritor argentino nunca tenha reconhecido explicitamente a influência do outro. As semelhanças maiores entre os dois escritores concernem principalmente ao modo como elaboraram as narrativas de cunho fantástico. Mencionando críticos-escritores importantes como Vargas Llosa e Italo Calvino, que num artigo se refere diretamente a Hernandez, Claudia Macias destaca que em contos como *A casa de Irene* o protagonista demonstra aceitação natural do evento fantástico, assim como ocorre nos contos de Cortázar.

Em uma das passagens mais significativas do seu trabalho, Claudia Macias destaca que “Casa tomada”, um dos primeiros contos publicados por Cortázar, pode certamente ser inserido no rol extenso da literatura fantástica latino-americana, mas foi considerado por boa parte da crítica uma denúncia da ditadura de Perón. Concluindo, ela acredita que definitivamente não se deve falar de coincidências ou meras semelhanças entre Hernandez e Cortázar, e sim de verdadeiras influências, fato que também foi notado por vários críticos.

No terceiro ensaio, Claudio Cesar Calabrese e Ethel Junco de Calabrese discutem o conceito de humanismo nas obras de Thomas Mann, destacando os *Buddenbrooks* e *Doctor Faustus*. Na interessante análise de *Doctor Faustus*, Claudio e Ethel ressaltam a representação da ambição desmesurada de conhecimento e o progresso científico como aspectos ligados ao demoníaco. Se comparado aos Faustus anteriores (o renascentista e o de Goethe, no século XIX), o de Mann adquire conotações niilistas, denunciando a decadência do espírito progressista do século XX.

Os ensaístas demonstram, enfim, o caráter pessimista das obras do autor alemão, sobretudo no que diz respeito a um humanismo unicamente fundado na erudição e na disciplina ética. Na verdade, procura-se explicitar no ensaio que Mann tende a um

humanismo “revelador” e “arcaico”, seguindo um itinerário artístico que o leva de um inicial realismo descritivo para uma narrativa com forte ironia, ressaltando a distância entre o “que se quer dizer” e o “realmente dito”.

No quarto ensaio, Daiana Nascimento dos Santos investiga aspectos como a representação literária da história de Angola na narrativa do angolano Pepetela. Utilizando os conceitos teóricos de Ana Mafalda Leite, de Kristeva e de Aínsa, ela analisa a obra *A gloriosa família*, destacando que o autor angolano tencionou dessacralizar a verossimilhança do discurso oficial da colonização portuguesa. No próprio título, há um tom satírico, pois a família em questão funda o seu poder em corrupção e interesses escusos, nada tendo, portanto, de “glorioso”.

Daiana destaca também na obra de Pepetela os temas da escravidão e do racismo, denunciados com veemência pelo autor. Estabelece-se ainda a diferença entre a visão do tráfico de escravos do autor angolano e a que se encontra na narrativa americana ou latino-americana.

No quinto ensaio, Elena Alexandrovna Sharonova, Olga Yurievna Osmukhina, Svetlana Petrovna Gudkova, Svetlana Anatolievna Dubrovskaya, Elena Alexandrovna Kazeeva e Tatiana Yurievna Hamlet analisam *Mastorava*, épico escrito por A. Sharonov em língua erzya. As autoras destacam que, com características nitidamente épicas, Sharonov conta a história dessa região da Mordóvia, na Rússia. Baseando-se em fontes folclóricas, mitos ancestrais, canções antigas e lendas, Sharonov buscou a construção de um autêntico personagem épico. O tema principal é simplesmente a história da criação do mundo, numa narrativa sapientemente costurada pelo escritor, com referências a deuses e mitos da tradição regional da Mordóvia, mas trabalhados pela fantasia do autor.

No sexto ensaio, Jack Brandão investiga a construção das imagens poéticas na literatura brasileira do século XVII, destacando Gregório de Matos. Visando a identificar as fontes utilizadas pelo autor na elaboração dos seus versos, são pacientemente esmiuçadas pelo ensaísta as principais associações a flores, animais e outros elementos da natureza, presentes na poesia de Gregório de Matos. Além disso, os principais temas abordados são explicitados e elencados, como, por exemplo, “amor divino” e “amor pagão”, “*vanitas*”, etc.

Brandão enfatiza que as fontes nas quais beberam os poetas brasileiros do século XVII, sobretudo o poeta baiano apelidado de “boca de inferno” pelos seus versos mordazes e satíricos, muitas vezes dirigidos a personalidades da época, foram muitas e num contexto cultural e literário que não concebia a noção de plágio como nós a conhecemos atualmente (pós-romântica). Sendo assim, a questão da originalidade das poesias acaba tornando-se praticamente irrelevante e não é discutida pelo ensaísta.

No sétimo ensaio, Luís Cordeiro-Rodrigues discute a teoria da justiça de John Rawls. Trata-se de uma questão que afeta parte da crítica literária, sobretudo norte-americana, e que discute a noção de gênero e a necessária, mas nem sempre possível, neutralidade e igualdade, em todos os aspectos socioculturais. Na conclusão, o ensaísta chama a atenção do leitor para aspectos que comprovam o caráter “não sexista” das teorias de Rawl.

Luís Cordeiro-Rodrigues destaca também a interessante análise de Rawl sobre a formação, na criança e no adolescente, da noção de gênero. Trata-se, portanto, de

conceitos ligados à afetividade e aos diferentes papéis sociais que na fase adulta deverão ser exercidos tanto pelo homem como pela mulher. Na visão liberal clássica, aparentemente contestada por Rawl, não deveria haver ingerência do aparelho estatal na esfera familiar, mas, como facilmente pode ser constatado, grande parte das violências, sobretudo contra mulheres e crianças, ocorre justamente nas famílias.

No oitavo ensaio, Miguel Mansilla e Constanza Vélez discutem aspectos do romance *Hijos del Salitre*, do escritor chilena Volodia Teitelboin. Com riqueza de detalhes, o trabalho dos dois pesquisadores chilenos assinala que o principal tema do romance é a representação das péssimas condições de trabalho nas chamadas “pampas de salitre” chilenas, principalmente no que se refere ao trabalho infantil e à condição da mulher nesse tipo de ambiente sociocultural.

Na verdade, o principal tema de Volodia é a morte, ou o medo da morte, sempre rodeando os trabalhadores, desamparados e sempre sujeitos ao risco constante de acidentes fatais. No romance há também passagens que aludem a todas as principais instituições sociais como “inimigas” da classe trabalhadora, à medida que reprimem os que exigem direitos mínimos ou por solicitarem dos cidadãos um patriotismo retórico, não fundado no verdadeiro exercício da cidadania.

Os ensaístas assinalam que o autor, sem meios termos, comprometido com a causa operária e camponesa, atribui toda a responsabilidade pela miséria e pela opressão à classe dominante e ao governo da época.

Na construção das personagens, apesar de certas passagens marcadas por um realismo “nu e cru”, há também espaço para algum lirismo. Apesar do retrato da convivência com a morte elaborado pelo escritor, há um tom de esperança que acaba prevalecendo no final.

No nono artigo, Nicolás Martín Olszevicki investiga as relações entre as teorias sobre teatro, pintura e a crítica social e política na obra do filósofo iluminista Diderot. Dividindo o ensaio em “Teatro”, “Pintura” e “Política”, Nicolás torna explícita a visão de Diderot a respeito destes aspectos que nortearam o seu itinerário artístico-filosófico. O ensaísta ressalta que Diderot sugeria alterações na forma de fazer teatro que se encaixavam plenamente na concepção iluminista. Em poucas palavras, o teatro teria uma função “educativa” e formadora de consciências. O impacto moralizante deveria constituir, portanto, um dos aspectos fundamentais da elaboração das peças.

Com relação ao tema da pintura, Nicolás ressalta o posicionamento do filósofo contrário à representação dos corpos nus. Além disso, para Diderot, toda a discussão teórica no âmbito da pintura está centrada na oposição entre “ver” e “mostrar”.

No que concerne à visão política, há um vínculo com os conceitos desenvolvidos para conceber um novo teatro e uma nova pintura. Para o autor de *Jacques le fataliste*, tanto a ação dramática como a pintura devem evitar a alienação do espectador diante da obra. Assim também, ele aparentemente lamenta o desaparecimento de um tipo de pensador que, seguindo o modelo de grandes filósofos da antiguidade, como Sêneca, por exemplo, seja ainda capaz de desapegar-se dos bens materiais. Do mesmo modo, condena a hipocrisia reinante na sociedade europeia do século XVIII.

No décimo e último ensaio, Svetlana Georgievna Gutova aborda a questão da feminilidade na literatura russa do final do século XIX e no século XX. Em outras palavras, a ensaísta enfatiza a representação mitológica da feminilidade no período denominado de “Era da Prata”. A imagem da “eterna feminilidade”, presente na literatura russa, constitui um dos pilares da densa análise da pesquisadora.

Utilizando uma metodologia “genética” e “diacrônica”, Svetlana investiga os vínculos entre a concepção do amor e a percepção da realidade por meio do mito, que teriam marcado, na visão da ensaísta, a literatura russa da “Era de Prata”.

Buscando desvendar os mecanismos da formação do mito da feminilidade na literatura russa desse período determinado, a pesquisadora nota que ocorre a formação de uma idealizada “natureza andrógina”, normalmente relacionada ao processo de formação de valores culturais específicos.

Outra passagem significativa do ensaio de Svetlana ressalta as diferenças entre a visão do mito ligado à feminilidade do romantismo e a do simbolismo, enfatizando mais uma vez que a literatura russa possui um imaginário próprio, ligado à presença de figuras femininas que representam a “Mãe-Terra”, “A virgem abençoada” e a “Sophia”. Concluindo, ela lembra que o conceito mitológico da feminilidade na literatura russa tem uma matriz simbólica, sendo muitos os aspectos que o tornam um fator importante para compreender a mentalidade tipicamente russa.

Gostaríamos, enfim, de agradecer a todos os articulistas, sem os quais este volume não teria vindo à luz, e também aos pareceristas que, com as suas observações e conselhos, enriqueceram os debates sobre temas e gêneros diversificados. Julgamos, assim, ter obtido um volume que, envolvendo pesquisadores de diversos países, utiliza também diferentes metodologias e perspectivas, frutos de variadas formações.

Esperando que alcancem muitos leitores, dentro de um universo não limitado apenas a especialistas ou a acadêmicos, uma vez que os grandes temas da literatura interessam a um público bastante vasto, acreditamos, mais uma vez, ter dado uma contribuição válida para a difusão de obras e autores, consagrados ou não, do interesse de todos que realmente se interessam pela boa literatura.

Nosso agradecimento ainda a Tânia Zambini, pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível elaborar o presente volume.

Araraquara, outubro de 2017.
Os editores

